

Visita Mortal*

De Luiz Felipe Botelho

PERSONAGENS

*Elvira
Líbero
Visita Mortal*

Cena única

Escuro total. Um tiquetaquear de relógio aumenta gradualmente de volume. No fundo do palco, suspenso, flutuando no espaço, um grande relógio circular, com fundo branco e ponteiros negros. Libero e Elvira estão em cantos opostos do palco, na penumbra. O tiquetaque permanece num tom baixo. Luz se intensifica nos dois personagens. Enquanto Elvira vive intensa sensação de felicidade, Libero tenta superar uma depressão.

ELVIRA

É tanto que quase não consigo suportar.

LÍBERO

É tanto que quase não consigo suportar.

ELVIRA

Faz tempo que não me sinto desse jeito.

LÍBERO

Faz tempo que não me sinto desse jeito.

ELVIRA

Tudo no seu devido lugar.

LÍBERO

Nada se encaixa

ELVIRA

É pena que não dure para sempre.

LIBERO

Parece que não vai acabar nunca!

ELVIRA

Estou quase explodindo de tanta felicidade!

LÍBERO

Não aguento mais tanta pressão aqui dentro!

ELVIRA E LIBERO

Tenho que dividir isso com alguém.

ELVIRA

Líbero!

* Texto de janeiro de 1989. Versão revista e atualizada em novembro de 2007.

LÍBERO
Elvira!

O som do tiquetaque pára. Líbero e Elvira saem de onde estavam e vão até o centro do palco, diante do relógio, onde se abraçam. Elvira percebe o desconforto de Líbero.

ELVIRA
O que há com você?

LIBERO
Nada. Nada.

ELVIRA
Eu te conheço. Conte. O que aconteceu?

LIBERO
Bobagem.

ELVIRA
Se fosse bobagem você não estaria assim.

Silêncio.

ELVIRA
Líbero. Não guarde essas coisas só pra você. Eu estou aqui, do seu lado. Fale.

Ele acena que sim.

LIBERO
Eu... tenho medo de morrer.

ELVIRA
Acha que pode ser um ataque de pânico? Você tem tomado seu remédio?

LIBERO
Não é ataque de pânico. No começo até pensei que era, mas...

ELVIRA
(Acolhedora, sem pressa) Pode falar.

LÍBERO
O que eu estou sentindo agora... é diferente. Desde ontem que estou com um pressentimento, uma coisa esquisita...

ELVIRA
Pressentimento, como?

LÍBERO
Sabe a sensação que se tem quando alguém está olhando para a nuca da gente e a gente se vira e vê que tinha mesmo uma pessoa olhando?

ELVIRA
Sim.

LÍBERO
Pois é semelhante a isso, mas muito mais forte.

ELVIRA
Como uma intuição.

LÍBERO
Isso. E a sensação é quase sufocante.

ELVIRA
Sensação de que?

LÍBERO
De que a Morte vai bater a qualquer momento naquela porta para me levar?

Alguém bate à porta com firmeza. Libero leva a sério.

LÍBERO
Eu sabia!

ELVIRA
Está tudo bem, Libero.

LÍBERO
Você ouviu? Quando acabei de falar!

ELVIRA
Foi coincidência. Deve ser o rapaz da coleta de lixo.

LÍBERO
Não. Tem algo estranho acontecendo. Não é possível que você também não esteja sentindo. Está no ar, no clima, no cheiro das coisas.

ELVIRA
Está bem. Tente ficar calmo. Eu vou atender a porta.

LÍBERO
(*Libero percebe que o relógio suspenso está parado*) Espere!

Elvira pára e olha para Líbero. Continuam batendo à porta.

LÍBERO
(*Apontando para o relógio*) Olha!

ELVIRA
(*Ela olha para o relógio suspenso*) O que foi?

LÍBERO
Parou! (*Olha para seu relógio de pulso, tira-o e o entrega a Elvira*) O meu também, veja. Me deixe olhar o seu.

Batem à porta de novo. Elvira dirige-se até ela, mas é interceptada por Libero, que tenta examinar o relógio de pulso da companheira.

LÍBERO
Deixe eu ver seu relógio, só um instante.

ELVIRA
O que é?

LÍBERO
Parou também. Seu relógio parou. Olhe.

Elvira constata a observação de Líbero. Batem à porta novamente.

ELVIRA
Eu vou abrir.

LÍBERO
Não faça isso! Deixe que batam!

Continuam batendo à porta.

ELVIRA

(À visita) Já vou! Um momentinho!

LÍBERO

Elvira, por favor, preste atenção, eu sei que pareço louco, mas isto é realmente muito estranho. *(Mostra seu relógio de pulso a Elvira)* Olhe aqui. Os três relógios pararam na mesma hora. O meu, o seu e aquele maior, ali *(aponta para o relógio maior pendurado ao fundo)*, está, vendo? Não é coincidência demais?

ELVIRA

Libero, por favor, pare com isso. Eu já estou começando a ficar com medo.

Batem à porta, cada vez com mais força.

ELVIRA

Deixe eu ir logo ver que maluquice é esta.

Libero agarra Elvira.

LÍBERO

Não abra!

ELVIRA

Eu não vou abrir, vou só olhar, calma! *(Desvecilha-se de Libero e vai até a porta. Olha pelo olho mágico e fica intrigada com o que vê)*

LÍBERO

O que foi? *(Aproximando-se devagar)*

ELVIRA

(Para Libero) É alguma brincadeira sua, não é?

LÍBERO

Que brincadeira, Elvira? Eu estou com cara de quem está brincando? Vá, diga, o que foi que você viu?

ELVIRA

Por que você não olha?

LÍBERO

Estou com medo.

ELVIRA

(Pensativa, ainda intrigada) É um trote, com certeza.

LÍBERO

Fala, Elvira, diga o que você viu.

ELVIRA

Uma pessoa fantasiada, usando uma máscara.

LÍBERO

Máscara de que?

ELVIRA

Isso não se faz. Estão querendo lhe pregar uma peça, Libero.

Continuam a bater à porta. Os dois olham para a porta e em seguida voltam a se olhar.

LÍBERO

Que máscara é essa que a pessoa lá fora está usando, Elvira, máscara de que? Fale.

ELVIRA

Máscara de caveira, Líbero, de caveira, pronto, já disse!

LÍBERO

Ai meu Deus!

ELVIRA

Deve ser palhaçada de alguém, algum amigo seu passando um trote. Você deve ter contado essa história de morte por aí, algum engraçadinho gostou e aprontou essa para você. Brincadeira mais estúpida. O cara com síndrome de pânico passar por uma coisa dessas.

LÍBERO

Elvira, as pessoas não sabem. Nunca falei disso com ninguém. Só desabafei com você. A não ser que você tenha espalhado por aí que estou com um psiquiatra e tomo medicação controlada.

ELVIRA

Não espalhei nada. Até parece que não me conhece.

Batem e batem na porta.

ELVIRA

Lembra de Fábio, ano passado? O boneco do Judas que ele fez? Com aquele gravador dentro? *(Imitativa, gesticulando assustadora)* Uuuuui, uuuui! *(Voltando ao tom inicial)* Pensamos que tinha um homem agonizando na nossa porta. Chamamos a polícia, lembra?

LÍBERO

Não. Desta vez não é nada disso.

ELVIRA

Então, ao menos dê uma olhada e acabe com seu sofrimento.

LÍBERO

(Sorri, surpreso com o duplo sentido da frase de Elvira) Acabar com meu sofrimento... *(Pausa breve, respira profundamente)* Está bem, tem razão. Eu vou olhar.

Elvira afasta-se para Libero olhar no olho mágico. Ele o faz e em seguida se afasta num salto, depois de ver a figura do lado de fora.

LÍBERO

Aai! Ai, ai, ai! É ela! É ela! A própria! Em osso e osso!

Libero corre para fora de cena. Elvira tenta segui-lo, aos gritos.

ELVIRA

Líbero! Líbero!

Antes que Elvira consiga sair de cena, batem na porta novamente. Elvira pára, cheia de dúvidas.

ELVIRA

(Consigo mesma) O problema é que pode ser um assaltante. Não. Assaltante não bate à porta. *(Continuam batendo. Elvira responde irritada)* Já vou! Já vou! *(Olha para o relógio de pulso, examina, mexe na corda, põe no ouvido. Depois olha para o relógio grande, suspenso. Fala na direção que Líbero saiu)* Líbero... Vem cá... Vem cá que eu também já estou morrendo de medo.

Batem como se fossem derrubar a porta. Elvira enche-se de coragem, ergue a cabeça e volta à porta.

ELVIRA

Quem é, hein? Não estou achando graça nenhuma nessa brincadeira, ouviu?

Batem mais uma vez desta vez com menos violência.

ELVIRA

Diga quem é, senão eu pego o interfone e chamo o vigia. *(Pausa)* Fala! *(Pausa)* Não vai falar não? *(Pausa)* Pois dane-se! Ou diz quem é ou então eu não abro!

MORTE

É a Morte!

ELVIRA

(Perplexa) Quem?

MORTE

A eme-o-mó rê-é-ré tê-é-té: Mor-te!

ELVIRA

A Morte não existe, minha filha! As pessoas morrem por si mesmas! Pode ir embora que aqui não tem lugar para você, não.

A Morte entra com facilidade, como se não tivesse feito antes apenas por uma questão de educação. Usa uma máscara pavorosa que só será retirada em um momento estratégico mais adiante. Elvira fica paralisada de tanto medo.

MORTE

Agora chega, minha filha. Você falou que se eu dissesse quem eu era, você abriria a porta. Eu atendi ao seu pedido e você, o que fez? Não abriu! Agora, sem mais nem menos, vem com grosserias dizendo que não existo. Claro que existo. Estou aqui. Lamento a invasão, mas sou uma criatura muito ocupada e não tenho tempo a perder com neuroses alheias mundo afora, fui bem clara?

Elvira faz que sim com a cabeça.

MORTE

Pode me chamar seu marido, por obséquio?

Elvira acena afirmativamente, mas não sai do lugar, olhando fixamente para a Morte.

MORTE

(Segura Elvira e praticamente a empurra na direção das coxias) Vá logo minha filha! Não me ouviu? Estou com pressa.

ELVIRA

(Parando no meio do caminho e olhando para a Morte, enquanto gagueja uma pergunta) Eéé... eu... eu quero saber... se...

MORTE

(Impaciente) Fale. Estou ouvindo.

ELVIRA

(Reunindo coragem, numa reverência) O que é que Vossa Majestade quer com o meu marido?

MORTE

(Ri gostoso e responde, sem ter ouvido o final da pergunta) Eu não sou rainha de nada, minha querida. Sou uma simples prestadora de serviços. Pode me chamar de você. Desculpe, qual foi mesmo a sua pergunta?

ELVIRA

Veio buscar o Líbero, não foi?

MORTE

Foi.

Começa a chorar. A Morte se aproxima acolhedora, mas Elvira se apavora e reage, esquivando-se toda.

ELVIRA

Sai! Sai! Uiuuuuuuu!

MORTE

(Afastando-se de Elvira) Bom, Elvira, entendo que a situação é delicada e tudo o mais, porém, vim para buscar seu marido e é isso que vou fazer.

ELVIRA

(Chorando) Eu não sei viver sem meu marido...

MORTE

Se você faz tanta questão, posso dar um jeitinho de levar você com ele.

ELVIRA

(Mudando de tom, num átimo) Não! Quero não, obrigada, Deus me livre, Deus me livre.

MORTE

Calma! Foi só uma sugestão... *(Olha em volta)* Mas, cadê o Líbero Fontes? Onde é que está o seu marido?

Entra Líbero, disfarçado de empregada, com seios enormes e traseiro avantajado. A maquiagem é exagerada e, obviamente, feita sem muita precisão. Poderá usar peruca ou um lenço na cabeça com brincos de argola.

LÍBERO

Licença, licença. patroa, vou lá na esquina comprar pão, visse? Quando for lá prá mais tarde eu volto.

ELVIRA

(Desconcentrada) O que? Ei? Espere aí! Espere aí! *(À parte)* Não vá, fique comigo. *(Em tom alto, para que a Morte ouça claramente)* Deixe para ir mais tarde, Zefinha.

LÍBERO

(Num tom tão alto quanto o de Elvira) Padaria vai fechar. Tenho que ir agora.

ELVIRA

(À parte) Não me deixe sozinha com ela. *(Em voz alta)* Você compra amanhã cedo. Prefiro que você lave a montanha de pratos que ficou na pia.

LÍBERO

Já lavei, patroa. Agora eu tenho que ir comprar pão! *(A Elvira, cochichando)* Não faz isso, Elvira, me deixa ir embora!

A Morte chega mais perto, examinando Líbero.

LÍBERO

(Em tom normal, à Morte) Patroa, quem é a dama?

ELVIRA

Éééé... uma amiga.

LÍBERO

Tão alva a pele dela! E magrinha, Jesus! Parece uma americana. Naice tu mítiu. *(A Morte estende a mão num cumprimento. Libero aperta a mão da Morte e estremece, recuando em seguida)* Ai, que mão mais fria! *(Faz uma reverência)* Prazer. *(Para Elvira, em voz alta)* Ela é tão simpática, não é patroa? *(Faz uma alusão à dentadura da máscara de caveira)* Que sorriso lindo que a senhora tem. *(Libero bate na cabeça como quem acabou de lembrar de algo)* Dona Elvira do céu, preciso combinar uma coisa particular bem rapidinha com a senhora. Venha cá, venha. *(Puxa Elvira para um canto, dirigindo-se, antes à Morte)* A senhora dá licença um instantinho? *(A parte, para Elvira)* Elvira eu ouvi ela dizer que quer me levar. Eu tenho que tentar fugir, será que você não entende?

ELVIRA

Libero, estou apavorada!

LÍBERO

Sou eu quem tem que estar assim. Sou eu quem ela quer. Vá, Elvira, faça essa caridade. Veja se distrai a madame, aí, enquanto eu fujo. Quem sabe ela desiste de me levar.

ELVIRA

Eu estou vendo a hora ela mudar de idéia e querer me levar no seu lugar.

LÍBERO

Que nada, Elvira!

ELVIRA

Eu não quero morrer agora, Líbero!

LÍBERO

Pssssiu. Pelo amor de Deus, fale mais baixo!

MORTE

Tanto faz falar alto como falar baixo. A Morte tudo vê, tudo ouve e tudo sabe.

LÍBERO

Então guarde pra você, porque fofoca é uma coisa muito feia, ouviu? *(Corre tentando fugir)*

ELVIRA

Líbero, pelo amor de Deus.

MORTE

(Faz um gesto que fixa os pés de Líbero no chão. Avança para o rapaz arrancando-lhe as roupas e a peruca de empregada) É o bastante. Já esperei demais. Não tenho porque tolerar tanta bobagem.

LIBERO

Eu não quero! Meu Deus, não!

ELVIRA

Não leve ele agora. Por favor.

MORTE

Impossível, minha querida. Não sou eu quem decide isso.

Elvira e Líbero choram.

MORTE

(Pensa um pouco) Chega. Nada de choro. Vamos fazer o seguinte: dou cinco minutos para vocês se despedirem, está bem? Mais nada!

Libero e Elvira se entreolham admirados.

MORTE

O que estão esperando? Vamos! Andem!!! Chorem, despeçam-se, resolvam suas pendências, façam alguma coisa, sei lá.

LÍBERO

Está gozando com a cara da gente, não é?

MORTE

De maneira nenhuma.

LIBERO

Cinco minutos não dão nem para resolver uma pendenciazinha deste tamanho. *(Mostra o tamanho com o polegar e o indicador)*

MORTE

Quem mandou vocês deixarem suas pendências todas para resolver na hora da morte?

ELVIRA

Mesmo assim, cinco minutos é muito pouco tempo.

MORTE

Você é quem pensa. E não são mais cinco minutos: são quatro minutos e trinta segundos.

ELVIRA

Unha-de-fome.

MORTE

Unha-de-fome? Unha-de-fome, não, minha filha. Eu tenho horários a cumprir. Não tenho nada de unha-de-fome. Unha-de-fome. Mas era só o que me faltava ouvir hoje.

Libero e Elvira voltam a cair no choro.

LIBERO

Eu não quero morrer, Elvira.

ELVIRA

Eu não quero que você morra. Fica comigo...

MORTE

Olhem, me escutem, por favor. Eu compreendo que é difícil, que é doloroso, que é chocante e tudo o mais. Entretanto sou ocupadíssima e não tenho tempo a perder. *(Noutro tom)* Eu acho até que já disse isso, não foi? *(Volta ao tom inicial)* Pois bem, para facilitar as coisas, eu proponho conversar a sós com o Líbero, de modo a tentar prepará-lo para a viagem e pôr um ponto final neste assunto. Vocês concordam?

ELVIRA

Não! Eu quero ficar com ele até o fim.

MORTE

Fique tranquila. Antes de levá-lo eu a chamarei para as despedidas.

ELVIRA

Líbero...

LÍBERO

Vá, querida. É só um lerozinho.

ELVIRA

Tá... Tudo bem... Eu saio. *(Sai, recolhendo o disfarce de Líbero)*

A Morte chama Líbero até ela. Ele obedece, quase hipnotizado. Ela começa a tirar-lhe a camisa. A cabeça de Elvira aparece em algum ponto da cena, bisbilhotando.

ELVIRA

Cuidado, ouviu Líbero? (À Morte) Precisa mesmo tirar a roupa dele, Dona Morte?

MORTE

Precisa.

ELVIRA

Vai tirar as calças, também? As cuecas?

MORTE

Ao seu tempo.

ELVIRA

E depois, vai fazer o que com ele?

MORTE

Não tenho órgãos nem desejos sexuais, Elvira.

ELVIRA

Que bom. Quer dizer... que péssimo, aliás... sei lá. Ai, desculpe a gafe.

MORTE

Dê-nos licença, Elvira.

ELVIRA

Estou saindo.

Silêncio. A Morte continua a despir Líbero, quase como um ritual.

ELVIRA

Licença novamente. Posso trazer uma roupinha para ele? Talvez faça frio na viagem...

MORTE

Não é necessário, meu anjo.

ELVIRA

Nem uma mortalha?

LÍBERO

(Irritado) Elvira!

MORTE

(Compenetrada no seu trabalho) Chegou nu, vai embora nu. (Enérgica) Agora, Elvira, faça o favor de sair e só voltar quando eu chamar!

ELVIRA

Tá. Até mais, Líbero.

LÍBERO

Até...

ELVIRA

Te amo.

LÍBERO

Também te amo.

Elvira sai de cena. Líbero agarra-se com a camisa cujas mangas acabaram de deslizar para fora de seus braços. A

Morte puxa a camisa com cautela, reagindo respeitosamente ao ato de resistência simbolizado por aquele gesto.

MORTE

Líbero, com choro ou sem choro, você precisa enfrentar os fatos: eu vou levar você comigo e isso é definitivo. Percebe? No que depende de mim, esta situação não tem remédio.

LÍBERO

(Agarrando-se ainda mais à camisa) Dona Morte, eu... compreendo isso, mas não me conformo. Não estou preparado para morrer.

MORTE

Tolice. Raros estão.

LÍBERO

Tem tanta coisa que ainda não fiz e que queria fazer.

MORTE

(Puxando a camisa de vez, com vigor mas sem violência) Pois é. Aceite os fatos.

LÍBERO

Muito fácil para você falar assim, não é? Já morreu alguma vez, por acaso?

MORTE

(Frívola, dobrando a camisa e colocando-a num canto) Eu? Nunca.

LÍBERO

Vai morrer algum dia?

MORTE

(Com certa displicência, como se ouvisse aquilo todos os dias) Que conversa, Líbero. Morte não morre.

LÍBERO

Então lá em cima é mesmo igual a aqui embaixo, hem? A pessoa chega, sem qualquer preparo, ganha um cargo importante no serviço público celestial e sai fazendo as coisas por aí, de qualquer jeito.

MORTE

Como?

LÍBERO

Corrupção. E eu que pensava que essas coisas só aconteciam aqui na Terra. *(Apontando para o alto)* Nepotismo celestial? Claro. Você é o que do barbudão lá em cima, hein? Prima, esposa, amante, o que, hein?

MORTE

(Suavemente ameaçadora) Libero...

LÍBERO

Não se faça de tonta. A senhora não entende de morrer, *(irônico)* minha filha.

MORTE

Nem precisaria entender. Não mato ninguém, só acompanho os que morrem. Além do que morrer é tão simples: morre-se e pronto, não tem o que entender.

LÍBERO

Agora, aqui estou eu, sendo obrigado a botar a minha vida nas mãos de uma despreparada, talvez até incompetente!

MORTE

Tenho milhares de anos de experiência só com a humanidade. Acho que entendo um pouco do meu ofício.

LÍBERO

(Soltando uma gargalhada) E por isso deve se achar uma excelente profissional.

MORTE

A melhor que há. E não é porque sou a única.

LÍBERO

A melhor, é? Nunca vi ninguém feliz de saber que a senhora vai chegar.

MORTE

É uma função ingrata, porque ninguém entende bem o que vai acontecer.

LÍBERO

Ninguém entende e nem a senhora! Esse o problema! Eu não tenho obrigação de confiar no seu trabalho nem de gostar da senhora!

MORTE

Chega, parou, parou, parou. Você está se descontrolando e eu nem mesmo tenho certeza se você está ouvindo e compreendendo o que estou tentando lhe dizer.

LÍBERO

(Cada vez mais descontrolado, quase histérico) O que? O que foi? Está incomodada? Pois é isso mesmo! É isso mesmo, pronto! Vou morrer, não vou? Pois agora não tenho mais medo de nada! Vou falar tudo o que eu quiser, tá bom?

MORTE

Líbero...

LÍBERO

Acha que não estou lhe entendendo, é? Baixo Q.I não é problema meu. Não fui eu quem teve que ganhar empreguinho sem fazer concurso.

MORTE

(Atenta para o momento de tomar uma atitude mais drástica contra o descontrole de Líbero) Está misturando sua visão da sujeira de vocês com uma realidade que **você** não compreende. Pare porque já estou perdendo a minha paciência.

LÍBERO

Se dependesse de concurso, você hoje estaria era limpando o pinico de São Pedro!

MORTE

(Decidida) Cale-se, Líbero. *(Faz um gesto cabalístico que emudece Líbero. Este leva as mãos à boca apavorado. Ele começa a cair em si)*

A Morte caminha um pouco ao redor de Líbero, dando-lhe algum tempo para se acalmar.

MORTE

Você está descontrolado, já notou? Respire fundo, vá. *(Ele obedece)* Relaxe esse ombros, Líbero. *(Ele não consegue. Ela vai até ele e massageia seus ombros com energia e nenhum carinho)* Assim, aqui, olhe! Solte esses ombros! Isso! Será que agora podemos continuar a nossa conversa com um pouco de calma? *(Líbero não reage a pergunta)* Podemos?

Líbero acena que sim com a cabeça. Decepcionado, ele olha para o alto e começa a desabafar, como se fosse uma criança.

LÍBERO

O Senhor nem aparece para me dar uma força, né, Pai? Está certo que ela é criação sua, mas eu também sou. E estou sofrendo muito, sabia? (*A Morte se aproxima*) Sai! Sai! Você também está do lado Dele. (*As alturas*) Por que essa proteção toda com ela (*apontando para a Morte*)? Só porque ela é mais velha, é?!? Chato! Ruim! Não gosto mas do senhor! (*Chora, sentido, magoado*) Eu não quero deixar de existir.

MORTE

Isso não vai acontecer.

LÍBERO

O que?

MORTE

Você não vai deixar de existir.

LÍBERO

(*Recompondo-se*) Diz isso só pra me acalmar.

MORTE

Eu não sei mentir.

LÍBERO

Se eu não vou deixar de existir, porque eu vou morrer?

MORTE

A morte é só uma passagem. Um portal.

LÍBERO

Portal do adubo orgânico. É nisso que vou me transformar.

MORTE

Carne. Isso não é nada. É só um detalhe.

LÍBERO

Explique melhor.

MORTE

Não sei como.

LÍBERO

Está falando de outra vida?

A Morte dá de ombros.

LÍBERO

Eu não acredito em outra vida.

MORTE

Bom, logo você vai compreender o que eu adoraria poder lhe explicar.

LÍBERO

Mas não sabe.

MORTE

Não existem palavras para falar sobre isso.

Silêncio.

LÍBERO

Eu não quero morrer.

MORTE

Está dizendo isso para mim?

LÍBERO

Claro!

MORTE

Sinto muito. *(Retira o relógio de algibeira e vê a hora)* Seu tempo acabou.

LÍBERO

(Caindo em si, mais uma vez, cedendo à hipnose) Estou no fim mesmo, não é?

MORTE

(Começando mais uma vez o ritual para despir Líbero, desta feita desabotoando-lhe as calças) Pelo visto, sim. Ao menos aqui e agora você está no fim.

LÍBERO

(Sem oferecer resistência) E depois daqui, para onde vou?

MORTE

Sei lá.

LÍBERO

(Reage, discreto, segurando as nádeas da Morte) Como não sabe? Você não veio me buscar?

MORTE

Sim, mas como já disse, eu só faço acompanhar a transição.

LÍBERO

E depois?

MORTE

Depois que você passar para o outro lado, vai ficar por sua conta. Você estará livre.

LÍBERO

Como assim? Livre, livre?

MORTE

É. Livre, livre.

LÍBERO

Livre até mesmo para voltar para cá?

MORTE

Talvez, mas em novo formato e nova embalagem.

LÍBERO

(Dando-se conta do que a morte está fazendo, ele recua mais uma vez, tentando abotoar as calças quase sem coordenação) Mas eu não quero morrer! *(Começa a chorar)* Eu não quero ir com você.

MORTE

(Ao alto) O Senhor está vendo? Depois não venha dizer que eu estou exagerando quando falo que estou precisando de uns trabalhos de corpo para relaxar.

LÍBERO

(Sai andando de joelhos na direção da Morte, que afasta-se, incomodada, enquanto tenta fazê-lo levantar-se) Me deixa viver, vai. Eu te imploro, de joelhos.

MORTE

Levanta. Não faz isso Líbero. Líbero. *(Ao alto)* Esta vendo a ignorância? Milênios de experiência e eu ainda morro de pena quando chega nesse ponto do processo.

A Morte põe Líbero no colo, que chora convulsivamente. Ela faz carinho, até que ele pára de chorar.

LÍBERO

(Enxugando os olhos) Desculpe essa minha loucura toda.

MORTE

Não foi nada. É assim que costuma acontecer com todo mundo.

LÍBERO

(Levanta-se, recompondo-se, mais uma vez) Sabe, cansei de fugir de você. Mas...

MORTE

Mas?

LÍBERO

Tem alguma coisa acontecendo aqui... dentro... *(toca o peito, o rosto, os braços)* ... aqui... em mim.

MORTE

(A Morte olha para cima e dá um sorriso cúmplice, logo retomando o diálogo) Se eu puder lhe ajudar, *(noutro tom)* desde que não seja desistir de levar você, evidentemente...

LÍBERO

Quero que me ouça um pouco... só um pouco... pode ser?

MORTE

Estou ouvindo.

LÍBERO

Há alguns dias, desde que senti que você estava se aproximando, comecei a me dar conta de que não vivi.

MORTE

Por que não viveu? Tempo não lhe faltou.

LÍBERO

Ignorância.

MORTE

O que você ignorava?

LÍBERO

Tantas coisas.

MORTE

Por exemplo?

LÍBERO

(Sorri e toca no peito novamente) Eu ignorava que eu tinha um coração batendo. Estou sentindo ele aqui, agora. Nunca reparei nele. Só quando tinha taquicardia. E era um contato ruim. Eu queria que o incômodo passasse pra eu poder esquecer logo de que o coração estava ali, batendo diferente, como se estivesse reclamando de alguma coisa errada que eu fiz com ele. Nunca senti meu coração desta outra maneira, quieto, normal, como ele está agora. Parece que a iminência da morte, a ameaça de perder para sempre essa sensação quente e carinhosa, essa música, parece que isso acordou alguma coisa que dormia no meu modo de ver as coisas, de ver meu corpo, de ver o mundo. Ver com a alma. *(Deslizando a mão pelo corpo e prestando atenção no que percebe, emocionando-se pouco a pouco)* Sinto meu sangue passando nas veias, a temperatura, a textura da minha pele, o ar entrando frio e saindo quente de dentro de mim. Tudo nítido e tão gostoso. Fico me perguntando o que mais eu ignorei, o que mais eu deixei passar, que era meu, que era simples e bom e que simplesmente não percebi que estava ao meu alcance. Coisas para serem saboreadas sem pressa, sem agonia, o tempo todo. Nunca defini vida, nunca soube, nunca nem me preocupei com isso: vida. Mas a

raiz do significado do que é viver com certeza está nessa possibilidade de experiência consciente, nesses contatos diretos, intensos e indescritíveis com a existência. Pena que só estou vislumbrando isso agora.

MORTE

E daí?

LÍBERO

E daí? Não entendeu o que quero dizer?

MORTE

Entendi, mas o que é eu posso fazer?

LÍBERO

Não posso aceitar morrer depois de ter visto essas possibilidades. São perspectivas que se abriram, como uma porta enorme, na minha frente. Minha vida, na verdade, vai começar agora. Me deixe aqui. Me dê uma chance.

MORTE

Não posso!

LÍBERO

Se eu for com você daqui a pouco, vou levar comigo uma frustração imensa.

MORTE

Líbero, você tem que entender que existe toda uma...

LÍBERO

(Cortante e enérgico) Entenda você! Agora que meu prazo acabou, não me vem nada mais à mente senão aquela pergunta melodramática: o que foi que eu fiz com a minha vida?

MORTE

Líbero, você terminou?

LÍBERO

Me dê uma chance.

MORTE

Pelo amor de Deus, lá vem você novamente... *(Dá as costas para Líbero)*

LIBERO

(Cortante, avançando para a Morte) Eu preciso viver! Eu quero viver! Não importa o que você me diga.

A Morte volta-se para Líbero, olhando-o fixamente.

MORTE

(Enquanto começa a tirar a máscara, num tom sereno e mesclado com uma quieta alegria) Não sou eu quem determina quem vai nem quando vai para o outro mundo. Já expliquei isso a você.

LÍBERO

(Reunindo as últimas forças) E quem é que determina essas coisas, hein? Com quem é que eu tenho que falar? Com Deus?

MORTE

(Retirando completamente a máscara e mostrando sua bela face a Libero, que está perplexo.) A escolha é sua. Como sempre foi e continuará sendo.

LÍBERO

(Como se todas as suas forças lhe escapassem) O que?

MORTE

A decisão de ir agora ou não é sua. Quer falar com alguém para resolver isso? Fale com você mesmo. *(Guarda a máscara num bolso oculto na própria roupa)*

LÍBERO

(Atordoad) Mas, desde que você chegou que eu estou implorando para continuar vivo.

MORTE

E eu repetindo que não tenho nada a ver com isso.

LÍBERO

E por que só agora você me diz que o responsável pela minha morte sou eu?

MORTE

Porque só agora há pouco você achou um motivo para viver e por conta disso fez a pergunta certa. Do contrário eu iria continuar calada e acompanhar você na sua “viagem” para o “outro mundo”. Tudo muito lógico.

LIBERO

Isso é crueldade.

MORTE

Crueldade, não, Líbero. O nome é “rito de passagem”.

Líbero abre um sorriso.

LÍBERO

E eu passei?

MORTE

Responda você.

A Morte tira do manto um estranho aparelho celular

LÍBERO

E isso aí, o que é? Um celular?

MORTE

Intercomunicador bio-energético de frequência telepática.

LIBERO

E aí? Eu vou viver mesmo, ou não vou? O que é que eu tenho que fazer agora?

MORTE

Um minutinho só. *(Faz um sinal para que Líbero espere, enquanto está com o intercomunicador no ouvido)* Alô? Meu bem, me ligue com o Setor de Pessoal, por gentileza. Aguardo, obrigada. *(A Líbero)* Tenha um pouco de paciência porque ainda falta resolver o... *(Ao intercomunicador)* Alô? Setor de Pessoal? Alô? *(estranhando)* Quem é que está falando? O que? Não, minha filha, é evidente que não sou o Satanás. Aqui é uma ligação **externa**. O que? Como é que eu vou saber o ramal de Belzebu. Acabei de lhe dizer que... Não, o meu não transfere! ... Não transf... Ligue novamente e peça, somente. *(Pausa)* Minha filha, desligue, por favor, que eu tenho urgência em falar com... o que? É a sua! Mas que atrevida! É o seu! Enfie no seu! *(Para Líbero)* Audácia, já pensou? *(Para o intercomunicador)* Vá você! *(Desliga, tensa, suspirando e volta a discar).*

LIBERO

Igualzinho aqui na Terra.

MORTE

(Meio sem graça) Tinha que ser. As almas são as mesmas.

Líbero olha com ternura para a Morte, admirando as feições que estavam ocultas sob a máscara..

MORTE

A beleza é uma ilusão, Líbero.

LIBERO

É minha ilusão predileta.

MORTE

(Ao intercomunicador) Alô? Minha filha, pelo amor de Deus, ligue com o Setor de Pessoal. E veja se não cai em nenhuma linha cruzada, por favor. *(A Líbero, em outro tom)* O problema é que estão fazendo uns trabalhos de expansão do sistema de comunicações e aí as coisas ficam... *(Interrompe e volta a falar para o fone)* Ah, Gabriel, até que enfim! Que Maria Madalena coisa nenhuma, Gabriel! Sou eu. A Morte. Rouca? Não tenho nada de rouca. Minha voz sempre foi assim. Escute, o Líbero Fontes está... isso.., você já detectou aí? Ótimo. Isso. Claro. Revisão e adiamento de data mortis. Fiz, sim... também... *(irritando-se)* Fiz! Claro que perguntei, Gabriel, ora essa. Ah, está bem! *(A Líbero)* Quanto tempo de vida você acha que vai precisar?

LÍBERO

Quanto tempo? Sou eu quem vai dizer?

MORTE

Eu estou lhe perguntando, não estou?

LÍBERO

Meu Deus, que maravilha, sei lá... Cem! Não! Quinhentos anos!

MORTE

(Ao fone) Calma, Gabriel! Ele está pensando. *(A Líbero)* Quinhentos anos não pode! Seu corpo não aguenta. Seu cérebro, nem se fala.

LIBERO

Mas eu pensei que eu decidia tudo.

MORTE

E decide mesmo. Decidiu pela maneira mais desgastante de se viver. Isso aí é matéria, meu filho, tem data de validade, tem que ser cuidado, paparicado, bem tratado. Cuidou mal, vai estragar mais depressa.

LÍBERO

Quanto tempo você acha que este meu corpo aguenta, então? Seja sincera. *(Ele dá um giro, como se fosse um modelo de passarela desajeitado)*

MORTE

(Como quem olha um pedaço de carne pelancuda no açougue) Hum... sei não... avaliando seu estado atual... não posso dar-lhe mais de, sei lá, uns quinze... não, vinte anos de garantia.

LIBERO

Somente? Ai ai ai ... não posso deixar o tempo em aberto não?

MORTE

Vai querer mamar no peitinho da caveira também?

LÍBERO

‘Tá bom. Vinte anos.

MORTE

Ponha vinte anos, Gabi. Sim... sim... O.K... Se eu vou para onde?... Ah, eu vou sim! Você vai? Vai ser ótimo... Como é?... Ah, Gabriel, pare de falar essas coisas, que absurdo... Porque

nós estamos trabalhando!... Ahahahah! Pare. Ahahah! Pare, eu já disse que pare!... An?... De jeito nenhum... De maneira nenhuma, Gabriel, não insista!... Eu nunca disse isso... Não... Você é que é assim... Adoro, sim, você sabe disso... Ah, não, isso não... Porque não... Chega, Gabriel. Essa foi demais... Arrepiou, sim, mas chega... Gosto mas não é hora! Vá cuidar do seu trabalho!... Vou pensar... Gabriel, eu vou pensar!... Tá, um beij... digo, um forte abraço para você também. Até mais. Outro... Também... Outro... Tchau... Desligue você... Não, você primeiro... Você... Primeiro você, Gabriel, que coisa!... Hum? Sei. Então tá: uma, duas, três e já!

Desliga o intercomunicador e tenta manter a pose diante de Líbero, que a olha com uma expressão inquisidora.

MORTE

(Com um sorriso amarelo) Nós conversamos em código. Protocolo. Diálogos codificados.

LÍBERO

Bacana. E sobre o meu caso? Está tudo certo?

MORTE

Tudo certíssimo. Ah, sim! Ainda falta provocar um ciclone quântico no seu pólo de consciência.

LÍBERO

O que é isso?

MORTE

Nada de mais. É uma simples onda energética para fazer você esquecer de tudo o que conversamos.

LÍBERO

Não. Como é que eu vou lembrar que só tenho vinte anos de vida? Como é que vou lembrar do que eu senti? Como é que eu vou lembrar de que minha vida pode ser melhor?

MORTE

Eu disse “esquecer de tudo o que conversamos”, Líbero. Ponto final. *(Faz um gesto supostamente mágico após o qual Líbero desmaia mas permanece de pé. Depois recoloca a máscara)* Elvira! Elvira? Pode vir agora.

Entra Elvira, que fica possessa, ao ver o marido paralisado.

ELVIRA

(Histérica) Que foi que você fez com ele?

MORTE

Foi só um ciclone quântico. Daqui a pouco ele...

ELVIRA

(Sem ouvir uma palavra do que a Morte está dizendo) Líbero, Libero! Fala Líbero!

Mentirosa! Você me prometeu! Você disse que eu ia poder me despedir dele! Assassina!

Monstro! Odeio você! Odeio!

MORTE

Ai, eu não tenho mais tempo prá explicar nada, não. Tome um ciclone quântico para você também.

A Morte faz o mesmo gesto que fez para Líbero e Elvira desmaia do mesmo modo que o marido.

MORTE

Agora vá para o seu lugar Libero. Você também, Elvira.

Os dois obedecem, catatônicos, como se fossem zumbis. A Morte aproveita para fazer uma rápida brincadeira com ambos, modelando uma pose gozada em cada um. Depois, freneticamente, procura uma caderneta no manto. Enquanto anda de um lado para o outro, olha em tomo como se tivesse esquecido algo).

MORTE

Acho que esqueci alguma coisa... Ah, o relógio! (Com um gesto, faz o relógio voltar a funcionar, já com a caderneta na mão) Muito bem (dirigindo-se à platéia., olhando para cada um dos espectadores), vejamos, quem será o próximo? (Luz cai em resistência)

Esta obra está registrada nas seguintes Instituições:

Sociedade Brasileira de Autores Teatrais - SBAT, Rio de Janeiro-RJ

Fundação Biblioteca Nacional – Escritório de Direitos Autorais, Rio de Janeiro-RJ